

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Separados pelo oceano, conectados por cartas: Brasil e Cabo Verde

 Carlos Eduardo Guimarães de Souza *

Resumo: O presente relato mostra uma experiência desenvolvida entre alunos do CEF 801 do Recanto das Emas e alunos da escola Milho Branco em Cabo Verde, na África. O projeto baseou-se na troca de cartas, cartões-postais e realização de rodas de conversa. Foram utilizadas grandes produções cinematográficas que retratavam a realidade africana, com discussão de temas comuns às comunidades do Recanto, na periferia de Brasília; e de São Domingos, na periferia da ilha de Santiago. Tais temas, tão em voga no Brasil e em Cabo Verde, como o racismo, a preservação do meio ambiente, a mulher no mercado de trabalho, o bullying, o feminicídio e o tráfico de drogas, estimularam os alunos a debater e achar soluções para os problemas locais, identificando as diferenças linguísticas e culturais. O projeto visa diminuir a distância entre o currículo tradicional e a prática necessária à aprendizagem do aluno, respeitando sua história de vida. Através da realização do projeto, o ganho sociocultural foi enorme, pois o estudante teve a oportunidade de conhecer uma outra cultura, entendendo melhor o meio em que vive, lutando por melhorias e exercendo a cidadania.

Palavras-chave: Projeto escolar. Temas transversais. Cidadania.

* Carlos Eduardo Guimarães de Souza é formado em Estudos Sociais com habilitação em Geografia pela UPIS (União Pioneira de Integração Social), especialista em Sociologia para o Ensino Médio, pela Universidade de Brasília. Professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). Contato: ensino.guimaraes@gmail.com.

Introdução

A ação cultural, ou está a serviço da dominação – consciente ou inconsciente por parte de seus agentes – ou está a serviço da libertação dos homens (FREIRE, 1996, p. 207)

Nos últimos dois anos, observou-se uma queda dos investimentos em educação nos três níveis de ensino (básico, superior e profissional), motivados por uma política neoliberal que impactou a gestão escolar, seja introduzindo a visão empresarial capitalista ou impondo a militarização nas escolas. Com isso, formar futuros cidadãos tornou-se uma tarefa ainda mais complicada, pois como colocam Honorato e Possamai (2015, p. 3), “as secretarias de educação designam suas vontades para os gestores implantarem nas escolas, sem comum acordo com os professores [...] e assim, o ciclo vicioso [...] se faz presente no cotidiano escolar”.

A partir desse pensamento, a escola passou a oferecer uma educação ainda mais limitadora, tendo como consequência o aumento da exclusão social e da perda do diálogo de uma boa e produtiva conversa entre professor e aluno, pois a preocupação em cumprir todo o conteúdo anual acabou se tornando prioridade para muitos educadores em sala de aula. Eis aqui, um dos grandes desafios do professor: pôr em prática toda a teoria, e reescrevê-la de uma forma que atenda às necessidades de seus alunos, contribuindo para um ensino mais objetivo e humano, com ações que atendam às demandas da comunidade escolar.

Uma das maneiras de contribuir para essa discussão foi baseando-me no estudo dos temas transversais na escola. Pensando nessa problemática, foi criado o projeto *Conexão Brasil/Cabo Verde*, que, em linhas gerais, é uma troca de vivências entre alunos de escolas de países diferentes, mas que convivem com problemas característicos semelhantes como a violência contra a mulher, a falta de saneamento básico e atendimento médico, o preconceito racial e vários outros temas presentes na vida dos estudantes.

Esse projeto escolar buscou, a todo o momento, combater o pensamento dominante (que mostra o professor como o grande transmissor de conhecimentos, centralizado em sala e que pouco compreende seus alunos). Ao contrário dessa visão, o projeto teve uma perspectiva libertadora, que humanizou a relação professor e aluno. Para o educador humanista, como coloca Freire (1996, p. 71), sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos, “[...] isso tudo exige dele que seja companheiro de seus educandos, em suas relações com estes”.

Numa perspectiva ainda maior, me perguntei várias vezes por que os melhores exemplos de projetos

escolares vêm dos países ricos, em especial da Europa Ocidental. Em geral, a mídia tende a mostrar excelentes projetos nessa área, com base no que os países centrais apresentam. Com o passar dos anos, percebi que os melhores projetos europeus são realmente bons para eles, mas não servem para a realidade brasileira e africana, uma vez que não possuímos os mesmos recursos políticos e financeiros, porque a realidade é outra, os objetivos serão outros.

O projeto *Conexão Brasil/Cabo Verde* abre espaço para que cresça a emancipação e a libertação dos sujeitos envolvidos, comparando histórias, entendendo os motivos históricos e lutando coletivamente para a melhoria de vida. É preciso dar voz a esses estudantes da periferia, socializando suas histórias, valorizando aqueles que resistiram bravamente ao cortejo de atrocidades que lhe foram impostas. Em *O Atlântico Negro – Modernidade e dupla consciência*, Paul Gilroy explicita que:

Com algumas nobres exceções, as explicações críticas da dinâmica da subordinação e resistência negra têm sido obstinadamente monoculturais, nacionais e etnocêntricas. Isso empobrece a história da cultura negra moderna, pois as estruturas transnacionais que trouxeram à existência o mundo do Atlântico Negro também se desenvolveram e agora articulam suas múltiplas formas em um sistema de comunicações globais constituído por fluxos. Este deslocamento fundamental da cultura negra é particularmente importante na história recente da música negra que, produzida a partir da escravidão racial que possibilitou a moderna civilização ocidental, agora domina suas culturas populares. [...] O conceito crucial de diáspora é indispensável no enfoque da dinâmica política e ética da história inacabada dos negros no mundo moderno. (GILROY, 1993, p. 170).

Sendo assim, os professores de Sociologia, Geografia, História e Filosofia têm um papel que vai muito além da sala de aula, eles são fundamentais para a mudança social do aluno e o seu crescimento como cidadão, capaz de discutir questões políticas de maneira sustentável. Milton Santos, em *Por Uma Geografia Nova* (1986), faz uma reflexão sobre a atuação do professor que vai além da ciência geográfica, contribuindo para a Sociologia e outras disciplinas humanas. Para ele, os professores:

Devem escolher entre propagar a ordem capitalista vigente, ocultando as relações sociais dentro e fora do espaço escolar, contribuindo para a perpetuação da alienação estudantil ou optar pela análise das relações sociais dentro desse sistema que tenta a todo instante encobrir contradições e sufocar minorias, ou seja, se possível desconstruir esse capitalismo ao trazer a luz, discussões que possam mostrar e combater o seu real objetivo que é o do lucro a qualquer custo. Devemos entender, portanto, que o espaço geográfico deve ser reconstruído como espaço do homem e não do capital (WOODBIDGE, 1940, p. 5 e 7, apud SANTOS, 1986, p. 262).

Do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, o professor deve se voltar à discussão e explicação de temas relevantes ao cotidiano dos alunos, procurando saber a sua história e a respeitando. O que é mais importante para o aluno do 6º ano, por exemplo: o capítulo X do livro que fala sobre os planetas do sistema solar ou o capítulo Y que fala sobre a população brasileira e a questão da falsa democracia racial? Estamos num momento em que não dá para o professor “perder tempo” discutindo questões que estão longe da sua vida, do seu cotidiano, que dirá um assunto que vai além do planeta Terra. A falha, não está no Currículo ou no livro didático, mas, sim, na falta de praticidade do professor que o leva ao conteudismo, extremamente prejudicial aos alunos de maneira geral.

Portanto, é nesse contexto em que a escola está inserida, que o projeto *Conexão Brasil/Cabo Verde* foi implantado, para que seja uma ferramenta de empoderamento do estudante, tornando-o protagonista dentro da sua comunidade, sabendo dos seus direitos e deveres, exercendo a cidadania, que, por sua vez:

É um elemento comum nas representações sociais dos sujeitos acerca do papel da Sociologia no Ensino Médio. Além disso, a visão da sociologia varia de acordo com o contexto em que cada escola está inserida. Os estudantes traduzem em seus discursos as marcas sociais de seus meios, assim como os professores se adequam, em alguma medida, às demandas de seus públicos. Assim, cada escola é um organismo vivo de interações e processos sociais dialéticos. Ela é um espaço coletivo de construção, apropriação e ressignificação das representações sociais mais amplas. (RESES; SANTOS; RODRIGUES, 2016, p.129).

Conhecendo o projeto “Conexão Brasil Cabo-Verde”

Um projeto escolar pode e deve mexer com toda a comunidade escolar, aproximando ainda mais o professor do seu aluno, dando oportunidade a ambos contarem sua história, interagindo entre si e dando a possibilidade de conhecer estudantes e profissionais de outro país, com uma cultura diferente e uma história em comum. Se os lugares estão em constante transformação e os territórios seguindo esse mesmo ritmo de mudanças, a escola é obrigada a entrar nessa onda, se renovando e se readaptando aos novos tempos.

O trabalho foi realizado entre duas escolas de países de língua portuguesa, com histórias de colonização similares. Recebemos total apoio da embaixada do país africano após contato por meio de ligações e *e-mails*. O Ministério da Educação de Cabo Verde indicou a Escola Básica Milho Branco, localizada na ilha de Santiago, para ser nosso parceiro nessa jornada.

O projeto se sustentou em três pilares. São eles: Arte¹;

Língua Portuguesa²; e Geografia, Sociologia e História. Esse último pilar, do qual ficou sob minha responsabilidade a análise dos temas geradores comuns aos estudantes de ambos os países como o tráfico de drogas, o racismo, o desmatamento na cidade e a relação entre o esporte e cidadania, utilizou-se de produções cinematográficas a fim de facilitar a assimilação, participação e discussão desses temas e enriquecer o debate em sala de aula. Todo esse processo também foi realizado pela escola em Cabo Verde.

O trabalho abrangeu quatro salas de 9º anos; mas a curiosidade movimentou tanto os outros estudantes, que terminamos trabalhando com quinze turmas, envolvendo os 6º, 7º e 8º anos de forma indireta. A primeira parte do projeto diz respeito a apresentação de Cabo Verde e a África em geral aos alunos, discutindo assuntos que estão presentes na realidade de ambas escolas, tais como: o meio ambiente, a violência contra a mulher e o *bullying* em sala de aula.

A parte seguinte foi iniciada com a produção dos cartões postais. A escola cedeu o material e coube aos alunos colar uma foto que mostrava a sua realidade. Surgiram, então, as pistas de *skate*, as quadras de vôlei, os campos de futebol, as igrejas etc. Por último, a produção das cartas onde os alunos tiveram muita liberdade para falar de sua vida, de seus sonhos, enfim, de todos os assuntos que mais lhe interessassem. A Escola Básica Milho Branco, em Cabo Verde, também realizou o mesmo trabalho. Curiosamente, muitos alunos brasileiros conseguiram, por si só, comparar as ilhas com a sua cidade no âmbito econômico e social.

Tão logo recebemos o contato do professor Igor Alves, parceiro designado pela escola de Cabo Verde a seguir com o projeto, dois problemas surgiram durante os trabalhos: primeiro, a realidade da escola africana não é a mesma da brasileira, recebeu menos investimentos, e isso dificultou o andamento dos trabalhos que por vezes fizeram os professores comprarem alguns materiais com seus próprios recursos, como papel cartão (utilizado na produção do cartão postal) para agilizar o processo; segundo, consequência do primeiro, uma grande preocupação dos professores africanos de não conseguirem entregar o material produzido com a mesma qualidade que a escola do Recanto das Emas (DF) enviou.

Mas o que eu quero dizer ao falar desse problema operacional em Cabo Verde? Ora, o objetivo principal desse projeto é incentivar professores a diversificarem suas práticas, de modo que possam contribuir para uma aprendizagem mais significativa e mais digna por parte do educando. Assim, não foi exigido rigor na qualidade do material produzido pela escola africana e sim sua contribuição, mesmo que simples, mas efetiva, de diversificação das aulas, saindo do ensino tradicional e aproximando os alunos da Geografia, da História, da

Sociologia, da Língua Portuguesa e da Arte. Essa aproximação gerou uma relação mais humana entre professor/aluno e aluno/aluno.

Dessa forma, temos de entender que todo bom projeto escolar, para dar resultados positivos, deve se valer da utilização das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação); pois, por meio delas, facilitaremos a aprendizagem dos estudantes e, conseqüentemente, a sua participação nas aulas. Nessa direção, o papel do professor será o de:

Oferecer ajuda para que os alunos conduzam seu processo de aprendizagem oferecendo-lhes recursos que favoreçam a obtenção de informações a partir de diferentes gêneros textuais, mapas, imagens, entre outros. Não só isso, mas também oferecer informações e instigá-los ao questionamento, disponibilizando ferramentas que os levem à elaboração e contraposição de informações [...]. As relações estabelecidas dependem tanto da atividade desenvolvida pessoalmente quanto do conhecimento relevante que particularmente possuem. Essa atividade não pode ser realizada de maneira solitária, eles precisam da ajuda de outros no processo de representação ou atribuição de significados (MAURI, 2006, *apud* FERNANDES, 2013, p. 121).

Dessa forma, as discussões posteriores em torno de temas geradores importantes e presentes no cotidiano escolar como o *bullying*, fez com que as aulas ficassem mais participativas, mostrando reportagens atualizadas sobre esse e outros temas discutidos nas rodas de conversa. Juntos, buscamos soluções para os problemas da escola e da comunidade a curto, médio e longo prazo.

Um projeto escolar com representatividade social

Que indagações trazem esses Outros sujeitos para as teorias pedagógicas? Se os educandos são Outros a docência, os docentes poderão ser os mesmos? Questões desafiantes para a educação escolar. (ARROYO, 2017, p. 3).

É visível que o projeto *Conexão Brasil/Cabo Verde* vai contra o tradicionalismo (que leva excesso de teoria e pouca prática para a sala de aula) das disciplinas de humanas, em especial a Sociologia, facilitando a integração entre essa e as outras diversas disciplinas, cada uma no seu eixo de estudo, dando a sua contribuição específica sobre o mesmo tema, criando discussões e buscando a prática baseada na realidade dos alunos.

Outro ponto combatido é o conteudismo, lançando mais objetividade e praticidade, com o intuito de formar cidadãos conscientes de que sua comunidade precisa e pode melhorar, que juntos podem superar e exigir reformas. Ao mesmo tempo, não formaremos alunos-robôs, alienados, preparados somente para os vestibulares e para os concursos, visando o mercado de trabalho. É nesse contexto que Garcia (2006) assevera:

A educação é entendida como um projeto social em relação estreita à construção da cidadania. Nessa perspectiva, a instituição escolar representa um campo importante dessa e para essa construção, bem como para o aprender a exercer essa construção. Mas tal construção depende tanto de um projeto de escola, quando das condições concretas que os diversos atores sociais encontram e são capazes de estabelecer naquela instituição [...]

E prossegue:

[...] Na escola, a cidadania, enquanto aprendizagem e exercício social efetivo, precisa se referir não somente ao acesso a diversas formas de conhecimento, mas a uma prática social de respeito, de igualdade, de dignidade, e de participação, por exemplo. A cidadania, assim, pode ser entendida como uma forma de construção ativa e não somente como um modo informado de participação social, política. A cidadania também pode ser pensada como construção de identidade. (GARCIA, 2006, p. 129).

Um dos objetivos principais de qualquer projeto escolar deveria ser o de levar cidadania aos estudantes brasileiros, contribuindo para o surgimento de um cidadão responsável, consciente de seus direitos e deveres, um cidadão crítico do meio onde vive, que propõe mudanças quando necessárias e constrói um ambiente democrático favorável a todos. Vale ressaltar que todo projeto escolar deve ter cunho social, algo que, direta ou indiretamente, atinge o aluno e a comunidade em geral, mostrando os problemas existentes e apontando soluções para que sejam resolvidos.

Dessa forma, a base desse trabalho, realizado entre a escola brasileira e a escola cabo-verdiana, está nas rodas de conversa. As produções cinematográficas foram um estímulo ao debate, com a introdução de temas geradores presentes na vida cotidiana dos alunos. Esse trabalho de reflexão-ação fez surgir discussões em torno de grandes problemas, como a crise habitacional ou mesmo a superação de crises familiares. Por meio de uma ação escolar conjunta entre professores, alunos, gestores e pais, o projeto também buscou mostrar que pessoas em diferentes países passam por vitórias e problemas semelhantes, que necessitam de entendimento, cooperação, força de vontade e investimento governamental para superar os obstáculos.

Importante salientar que esse trabalho foi pensado para qualquer escola pública, independentemente da idade do estudante. Os objetivos podem ser muitos, depende da localização, do público, dos professores, dos gestores, do abraço da própria comunidade e, principalmente, dos setores do governo que devem estar comprometidos com a logística dos materiais produzidos. Não devemos esquecer, também, que as rodas de conversa revelam talentos que até mesmo os professores desconhecem, como esportistas, músicos, artistas, entre outros.

Considerações finais

Com o projeto, percebemos que as cartas (como ferramenta de estudo), refletiram a história de vida dos alunos de ambas escolas, mostrando seu cotidiano, suas alegrias e tristezas. Deu a oportunidade de ambos falarem de sua trajetória, interagindo entre si e possibilitando conhecer estudantes de outro país, com uma cultura diferente, mas com histórias parecidas.

Percebemos desde o início dos trabalhos a fascinação ao conhecer um país que teve a mesma colonização da brasileira e que fala o mesmo idioma do Brasil. Gerou então, uma onda de curiosidades por parte dos alunos, entre elas: “eles têm de fazer curso de inglês que nem a gente? ”, “numa viagem, quantas horas demoram para chegar? ”, “chama Cabo Verde por que lá tem muitas florestas? ”, “fiquei sabendo que lá tem poucos brancos, é verdade? ” e “lá não tem guerra como nos outros países da África?”. É nesse momento de interação, que fizemos os alunos “viajarem” a Cabo Verde e imaginarem a vida naquele país até então desconhecido.

Durante toda a execução do projeto, questões surgiram, entre elas: 1) as atividades práticas e os projetos escolares são mais importantes que os conteúdos em sala de aula?; 2) independente do segmento, o professor deve levar para a sala questões que dialoguem com a realidade do aluno e da região em que vivem, fugindo do currículo tradicional?; 3) levar cidadania é mais importante do que priorizar conteúdos que estão longe da zona de vivência do aluno?; 4) a interdisciplinaridade é obrigatória em qualquer projeto escolar? Espera-se que, através dessas e de outras perguntas que surgiram durante o processo, encontremos uma maneira de conversar, entender, discutir e assimilar outras ideias e, dessa forma, criar um arcabouço rico em temas relacionados ao cotidiano para serem estudados e debatidos.

O projeto colocado em prática, através das rodas de conversa, fez importantes reflexões, destacando-se duas. A primeira, sobre diversidade cultural, posicionou-se contra o pensamento hegemônico, levando a discussão para o nível político-social, a fim de que os alunos negros possam se reconhecer como tal, conscientes do racismo que assola esse país, como também as suas consequências sociais. A segunda, os adolescentes tiveram consciência da importância de denunciar os casos de violência, com a intenção de diminuir a médio e longo prazo, as estatísticas de feminicídio dentro da comunidade. Assim, como coloca Araújo e Moraes (2013, p. 6), buscou-se a tentativa de “reverter a situação de desigualdade social em que se encontram os grupos menos favorecidos e estigmatizados, em particular, a população afrodescendente, na sociedade brasileira”. Além disso, as rodas de conversa tiveram como objetivo mostrar que as:

Desigualdades essas constatadas e visíveis nos indicadores sociais [...] mostram o fosso social existente entre ricos e pobres no país [...] que, em sua maioria, estão desempregados ou em subempregos marginalizados e concentrados nos bairros periféricos, desrespeitados nos seus direitos básicos: saúde, educação, moradia, saneamento e lazer. (ARAÚJO; MORAES, 2013, p. 7).

Para os professores participantes do projeto, o grande ganho foi a troca de conhecimentos que foi muito além da sala de aula, uma verdadeira ação social, tornando seus estudantes capazes de entender o seu meio, buscando alternativas para superar os problemas existentes, cobrando das autoridades e lutando por uma cidade melhor, com mais qualidade de vida. Já o alunado, em resposta a um recente questionário de avaliação das etapas do projeto, aprovou quase com unanimidade os trabalhos desenvolvidos, mostrando que no atual contexto escolar, não há mais espaço para a propagação do conteudismo como forma de levar o conhecimento ao aluno, ou seja, as atividades práticas e lúdicas são o caminho para a melhor aprendizagem, mas não de forma tradicional onde o professor finge que ensinou e o aluno finge que aprendeu.

Ficou claro que os estudantes aprenderam e participaram muito mais em sala de aula com a produção das cartas, cartões e discussões através dos filmes, do que se tivéssemos optado por uma aula tradicional, centralizada no professor e finalizada com questionários e resumos, muito comum entre os professores da área de humanas. Essa ideia de que atividades práticas, com o uso das TIC's, oferecem maior qualidade as aulas, foi evidenciada com o projeto, uma vez que todos os professores ficaram satisfeitos com os resultados alcançados. Em linhas gerais, nos aproximamos bastante dos alunos e melhoramos ainda mais a nossa relação com todos os nossos estudantes. Percebemos também que, o fato de levarmos a realidade africana aos alunos e, através dela, discutir a realidade da cidade do Recanto das Emas, foi primordial para a assimilação e reflexão-ação, com mudanças positivas que poderiam surgir caso todos os envolvidos pensassem coletivamente, pelo bem da sua comunidade, na busca por melhorias diversas como saneamento básico, transporte, preservação do cerrado, aumento de denúncias em casos de violência, *bullying*, entre outros.

Fator marcante durante os trabalhos, a união das duas escolas, embora em continentes diferentes, foi bastante exitosa; uma vez que estávamos em constante conversa durante toda a realização do projeto, alinhando sempre que possível os planos. Interessante destacar que toda a parte das rodas de conversa foi realizada também na escola africana, aproximando ainda mais alunos e professores daquela escola. É da vontade de ambas, a continuação do projeto para 2020 onde pretendemos ampliar o projeto para todas as disciplinas,

uma vez que já temos o apoio da Embaixada e do Ministério da Educação de Cabo Verde. Por falar nessas instituições, temos de ressaltar a facilidade na comunicação com as autoridades do país africano e, ao contrário, a dificuldade em sermos atendidos pelas autoridades do lado brasileiro, ou seja, caímos mais uma vez nas burocracias do nosso próprio país.

Percebemos, assim, nas palavras de todos os professores envolvidos a enorme felicidade em realizar este projeto, uma vez que foram as dificuldades que nos motivaram a vencer, pois conseguimos muito mais do que produzir cartas e cartões postais. Nós debatemos temas importantes do cotidiano dos alunos, construímos também murais de cartazes de combate ao racismo e a culminância do projeto de cartas se deu na semana da Consciência Negra. Com o ano letivo diferente do nosso, professores e alunos de Cabo Verde se empenharam, mesmo passando por 16 dias sem água potável e aulas paralisadas. Com essa troca de material, conseguimos mudar o olhar dos alunos de Cabo Verde que pensavam o Brasil como o "irmão rico" baseado nas lindas fotografias do Rio de Janeiro e histórias de amor das telenovelas. Quebramos esse paradigma, ao mostrar nos cartões postais (produzidos pelos alunos com total liberdade), fotografias de pistas de skate desgastadas e pichadas, paradas de ônibus que fisicamente não existem, com alunos expostos ao sol daquela tarde extremamente quente e, mais que isso, mostrando que próximo a capital do país, existe uma periferia que necessita de muita atenção e assistência social.

Buscamos combater o ensino tradicional, caracterizado pela figura centralizada do professor em sala de aula, que propaga o poder dominante e não garante a discussão de assuntos cotidianos que são importantes para a vida cidadã. Superada essa tradicionalidade, o estudante elaborará perguntas e exigirá respostas dos governantes, melhorando sua cidade e conseqüentemente a rua e a comunidade onde mora. Com isso, a Sociologia atinge um dos seus principais objetivos que é o de abrir a mente desses estudantes para o mundo, enxergando sua condição social e lutando por dias melhores, exigindo melhores escolas e hospitais com profissionais que levem mais a sério essa população tão necessitada de serviços e lazer. Por sua vez, o professor se empodera, pois é dele um dos principais papéis transformadores dessa comunidade periférica, assumindo uma importância que por infinitas vezes, lhe foi retirada ou esvaziada, como querem as políticas educacionais dominantes até então.

O fato de enxergar o aluno além da sala de aula, dá a oportunidade de inserir na comunidade mais pessoas conscientes de suas responsabilidades e, conseqüentemente, que cobrarão maior atitude das autoridades nas soluções de problemas como a contratação de mais

profissionais para atuar nos postos de saúde e nas delegacias, criação de empregos, transporte público com mais qualidade e uma política habitacional digna, uma vez que nas rodas de conversa em sala de aula, ficou claro que grande parte da renda dessas famílias carentes vão para o aluguel da casa onde moram, o que torna impossível guardar parte da remuneração para o lazer da família.

Diante de tudo que foi exposto, não seria nenhum exagero afirmar que os professores de humanas, incluídas aí principalmente as disciplinas de Geografia, História e Sociologia, possuem papéis fundamentais na transformação dessa sociedade injusta, em uma sociedade mais igualitária, que pensa no coletivo e não somente nesse ou naquele indivíduo ou grupo específico. Devemos ser resistência a esse movimento dominador, que se renova a cada ano nas escolas e que na prática não vem sendo combatido pelas políticas governamentais. Dessa forma, o projeto *Conexão Brasil/Cabo Verde* deu a sua contribuição ao processo de reflexão-ação, ajudando no combate às problemáticas que giram em torno da cidade e da educação com todas as suas complexidades.

Ao final do projeto, ainda recebemos a visita da Conselheira da Embaixada de Cabo Verde, que numa pequena palestra, nos trouxe outras curiosidades sobre a África, estimulando ainda mais a curiosidade de alunos e professores. Em seguida, todos os alunos participaram da nossa pesquisa de avaliação do projeto. Para minha surpresa, quase 100% dos estudantes elogiaram e pediram para que o projeto continuasse no ano seguinte, pois tinham mais histórias para contar aos colegas de Cabo Verde, nas cartas. No que diz respeito a eficiência das rodas de conversa durante as aulas, citarei uma aluna que quis desabafar sobre a sua situação em casa. Ela, com os seus 13 anos, relatou que era abusada pelo amigo do avô, que mora em sua rua. Tomamos as medidas cabíveis e hoje ela é uma das melhores estudantes da escola. De aluna calada, passou a ser comunicativa e prestativa. Assim, seguimos trabalhando e aprimorando o projeto para o próximo ano, uma vez que já consta no Projeto Político-Pedagógico da escola esse projeto de cartas.

É importante salientar que todos os professores participantes do projeto agiram direta ou indiretamente como cidadãos rebeldes, inconformados com a crescente desigualdade social refletida na comunidade, que viu e vê todos os dias diversos problemas que vão além do social, atingindo o psicológico e refletindo em indisciplina e baixas notas. Assim o aprendizado foi que:

É imprescindível para o educador manter-se como um pesquisador, sistematizando dados, organizando reflexões de suas vivências e colocando-os em debate com seus pares e demais participantes da cadeia educativa. Assim, poderemos não só potencializar trocas sistêmicas, mas também manter nossa identidade enquanto docentes, uma vez que, ser professor não

é apenas atuar em sala de aula, mas dialogar dentro de todo um contexto socioeducacional, reconhecendo-se no grupo e participando na gestão escolar (RESES; SANTOS; RODRIGUES, 2016, p.15).

Brasil e Cabo Verde estão cada vez mais entrelaçados, não só devido a língua portuguesa, mas pelos laços históricos e de cooperação econômica. O fato de o Brasil ter um peso maior nessa relação faz com que a identidade do povo cabo-verdiano seja modificada aos poucos, fruto dessa globalização que objetiva esmagar culturas menores e fazer prevalecer as maiores. No caso do Brasil, tem relação estreita com a exportação

de novelas. Aliás, esse fato vem fazendo com que os alunos cabo-verdianos optem pelo sotaque brasileiro, cabendo aos professores das escolas básicas trabalharem a questão da valorização da cultura africana em sala de aula. Portanto, essa tensão entre o global e o local transpareceu no projeto. Dessa forma:

O impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. (HALL, 2006, p.70). ■

Notas

¹ A produção do cartão postal ficou sob a responsabilidade da professora de Arte, Fernanda Marinha, da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

² A escrita de cartas ficou sob a responsabilidade da professora de Língua Portuguesa, Tayane Tássia Ribeiro Gomes, da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, J. D. A.; MORAIS, R. S. Resignificando a história e a cultura africana e Afro-brasileira na escola. **Artifícios**, v. 3, Dezembro 2013.
- ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- FERNANDES, M. L. B. Estudo do meio como procedimento de ensino em uma perspectiva construtivista. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 4, n. 7, p. 115-138, jul./dez. 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, J. Indisciplina, Incivilidade e Cidadania na Escola, Campinas, v. 8, p. 124-132, Dezembro 2006.
- GILROY, P. **O Atlântico Negro. Modernidade e Dupla Consciência**. São Paulo: 34 Ltda, 1993. 157-170 p.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 1-76 p.
- HONORATO; POSSAMAI. **Pedagogia do Oprimido: Na perspectiva crítico-reflexiva**. 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/semanadeeducacaouece/anais/trabalhos_completos/210-14031-17082015-220336.doc>. Acesso: 2019.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3ª. ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. 235-266 p.

Sugestões de leitura

- AMORIM, C. C. Formação de professores: experiências, práticas docentes e saberes em geografia escolar. **Cadernos ANPAE**, v. 18, p. 15, 2014.
- CAMPOS, R. R. D. A Natureza do Espaço para Milton Santos. **GEOGRAFARES**, p. 155-165, 2008.
- FERREIRA, F. A Sociologia no Ensino Médio: concepções de professores sobre formação crítica para a cidadania. **Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, Recife, 2012.
- GEOVANNI, G. D. As Estruturas Elementares das Políticas Públicas. **NEPP/UNICAMP**, São Paulo, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- RÊSES, E. D. S.; SANTOS, M. B. D.; RODRIGUES, S. D. **A Sociologia no Ensino Médio: Cidadania e Representações Sociais de Professores e Estudantes**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.
- SEBASTIÃO, J.; ALVES, M. G.; CAMPOS, J. Violência na Escola: Das Políticas aos Quotidianos. **Sociologia: Problemas e Práticas**, n. 41, p. 37-42, 2003.